

À beira de uma Expansão: o Setor Industrial Mexicano constrói seu Futuro

“Made in Mexico” pode não ser a etiqueta mais comum que você encontra na parte de trás de sua televisão ou telefone celular — ainda — mas o rápido crescimento econômico do México está fazendo com que o país se torne um concorrente de peso na economia global.

A revista *The Economist* prevê que até o final desta década, o México provavelmente estará entre as 10 maiores economias do mundo. De acordo com a *The Economist*, o país é atualmente o maior exportador mundial de televisores de tela plana, *smartphones BlackBerry* e refrigeradores, e seus setores automotivo e aeroespacial estão se expandindo rapidamente. Uma série de fatores, tanto internos quanto externos, são os propulsores da escalada da indústria mexicana. O México enfrenta uma série de desafios econômicos, mas seus ganhos em uma série de medidas refletem uma tendência positiva e promissora e uma nova perspectiva.

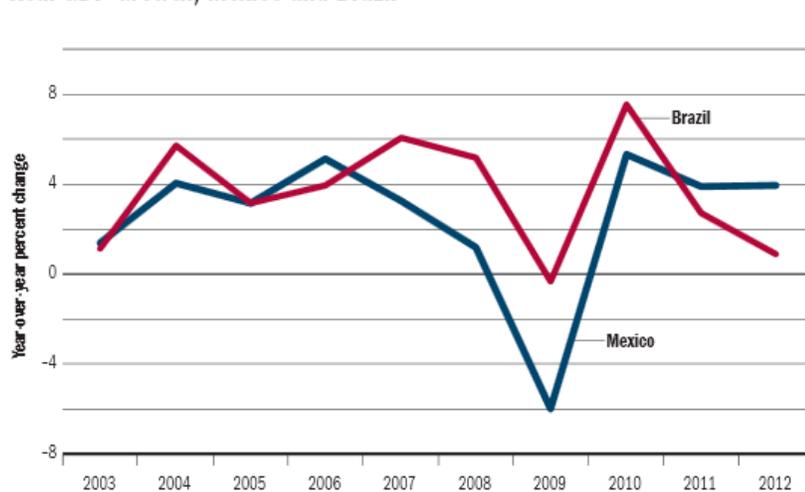


A produção industrial mexicana se multiplica

Entre 2001 e 2010 a economia do México cresceu uma média de 1,6% ao ano, menos da metade da taxa do líder, Brasil (cuja forte expansão econômica deveu-se em parte às suas exportações de *commodities* para a China). No entanto, nos últimos dois anos, a economia mexicana cresceu mais rapidamente do que a do Brasil, com a taxa de crescimento do México dobrando a do Brasil - 4% comparado a 2% - em 2012 (vide a tabela 1).

Chart 1

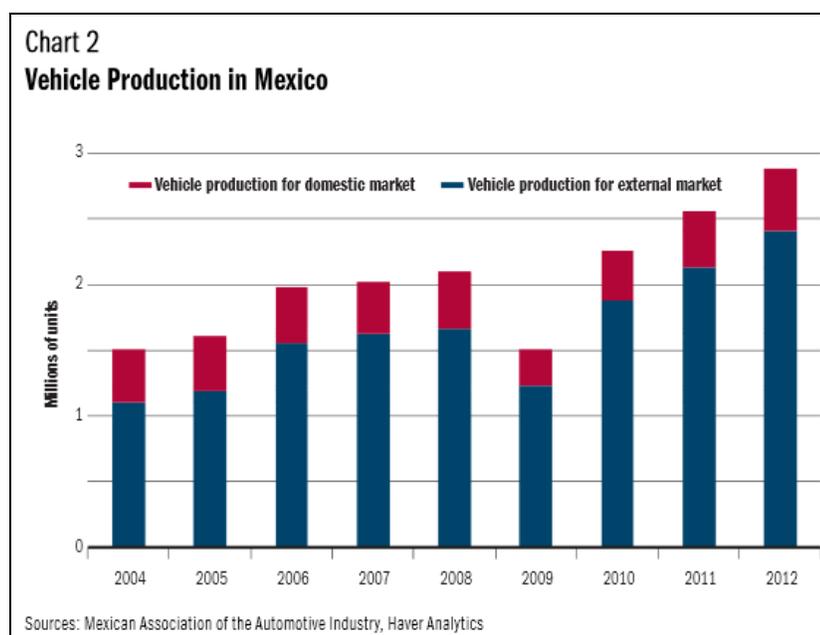
Real GDP Growth, Mexico and Brazil



Sources: The National Institute of Statistic and Geophraphy, Brazilian Institute of Geographry and Statistics, Haver Analytics

A produção industrial é seguramente um componente-chave do crescimento atual e previsto, e a demanda estrangeira por produtos fabricados no México tem sido uma contribuição importante para a contínua expansão do setor industrial do país. O valor dos bens exportados pelo México é aproximadamente equivalente àquele dos demais países latino-americanos em conjunto. De acordo com o Atlas de Prosperidade Econômica da Universidade de Harvard, a economia do México é a mais complexa da América Latina e a 20ª mais complexa do mundo quando medida pela ampla variedade e pela sofisticação dos produtos exportados. (O Atlas define "complexa" como a quantidade de conhecimento produtivo contida no país). Essa complexidade é um dos motivos pelo qual o PIB *per capita* do México está projetado para ser o 10º com crescimento mais rápido entre 2009 e 2020.

As indústrias mexicanas com mais destaque mundialmente são de equipamentos médicos, automotiva e aeroespacial. O setor automotivo, em especial está crescendo rapidamente. O México é atualmente o quarto maior exportador de automóveis. Em 2011, as montadoras mexicanas fabricaram quase 2,6 milhões de carros. Esse número aumentou para 2,9 milhões em 2012 e, segundo a *The Economist*, chegará a 4 milhões ao ano quando as fábricas atualmente em construção estiverem concluídas. Sete das dez maiores fabricantes de automóveis do mundo tem fábricas no México. Isso inclui a planta de US\$800 milhões da Honda em Celaya, a planta de US\$550 milhões da Volkswagen em Silao inaugurada em janeiro de 2013, e duas plantas previstas para serem inauguradas ainda neste ano: a planta de US\$2 bilhões da Nissan em Aguascalientes e a planta de US\$500 milhões da Mazda em Salamanca. De acordo com Bill Krueger, vice-presidente da Nissan America, o México já é uma forte base de exportação para a Nissan, pois exporta automóveis para os Estados Unidos e para mais de 100 outros países em todo o mundo (vide a tabela 2).



Além disso, mais de 200 empresas ligadas ao setor aeroespacial operam no México, muitas delas no parque industrial de Querétaro, tornando-o o 12º maior exportador de equipamentos aeroespaciais e ocupando o terceiro lugar entre os maiores exportadores de equipamentos médicos.

A China perde, o México ganha

Várias forças de destaque contribuíram para o rápido crescimento da indústria mexicana, inclusive o aumento da abertura ao comércio internacional, a constante perda de competitividade da China devido ao aumento dos salários e a valorização do Renminbi, a disponibilidade de mão-de-obra técnica qualificada, o contínuo aumento dos custos de logística e transportes internacionais e a proximidade geográfica do maior mercado do mundo - os Estados Unidos - em um momento em que se tornou vital o atendimento imediato das tendências de mercado.

Embora a economia do México tenha sido uma economia de produção em substituição às importações, que dependia dos consumidores internos para seus negócios, sua abertura ao comércio internacional permitiu-lhe tornar-se uma economia que depende, também, dos mercados externos para seu crescimento. Em 1994, o Acordo Norte-Americano de Livre Comércio (Nafta) eliminou a maioria dos impostos sobre a importação entre México, Estados Unidos e Canadá, criando um mercado continental para os produtos mexicanos. Não é de se surpreender que seus vizinhos norte-americanos tenham sido responsáveis por pouco mais de 80% do mercado de exportações do México em 2012. No entanto, essa

parcela teve uma queda significativa dos 90%, há uma década, com a abertura do México para o mundo, além da América do Norte. Atualmente, o México tem acordos de livre comércio com 44 países, mais do que qualquer outra nação. Essa abertura criou acesso preferencial aos produtos mexicanos para mais de um bilhão de potenciais consumidores.

Outro importante fator por trás do crescente sucesso econômico do México é a relativa perda de atração da Ásia emergente, especialmente da China, como centro de fabricação mundial para empresas globais. Durante muitos anos os analistas observaram que o crescimento das exportações de produtos mexicanos industrializados seria limitado severamente pela concorrência com a China. (Vide a história na edição da *EconSouth*, do segundo trimestre de 2011 "Comércio Exterior Estreita os Laços entre China e América Latina"). Mas agora a vantagem que a China já teve devido aos baixos custos de mão-de-obra está diminuindo. Os salários na China vêm aumentando, em média, 15% ao ano durante a última década, comparado ao aumento de menos de 5% no México.

Na China, o aumento dos salários para fabricantes estrangeiros vem sendo exacerbado, desde 2005, pela valorização em 30% do Yuan chinês em relação ao Dólar. O Peso mexicano, durante esse período, desvalorizou em relação à moeda dos Estados Unidos. Em 2011, segundo o Banco HSBC, o custo por hora de um operário da indústria na China era de US\$1,63 comparado a US\$2,10 no México. A diferença representa uma queda de 60% em relação ao ano 2000.

Afora o custo da mão-de-obra, a capacitação está se tornando cada vez mais importante, na medida em que as empresas aumentam a utilização de robôs e máquinas que exigem manutenção e operação por funcionários capacitados. O México tem mão-de-obra qualificada: as universidades mexicanas oferecem mais de 900 programas de pós-graduação relacionados à engenharia e tecnologia e formam 90.000 engenheiros e bacharéis em tecnologia a cada ano. Por exemplo, um relatório recente do Instituto de Política Migratória observou que o Estado mexicano de Chihuahua, um dos principais pólos industriais, é também sede de 10 instituições técnicas que oferecem às indústrias pelo menos 1.000 bacharéis a cada ano. Assim, as empresas estrangeiras estão estabelecendo centros de *design* e engenharia, bem como centros de pesquisa e desenvolvimento na área.

O preço do petróleo mais do que triplicou desde a virada do século, aumentando ainda mais os custos de transporte e logística. Para empresas que fabricam para o mercado dos Estados Unidos, o México tornou-se uma base de fabricação mais atraente do que a Ásia.

De acordo com a *The Economist*, os efeitos da movimentação das moedas em relação ao dólar juntamente com a elevação dos salários na Ásia, além do aumento dos custos de logística, tornaram o México o local mais barato do mundo para a fabricação de bens para exportação aos Estados Unidos - mais barato do que China, Índia e Vietnã.

Finalmente, o tempo de viagem é relevante. Um container pode demorar vários meses para viajar de navio da China para os Estados Unidos, comparado a alguns dias de caminhão partindo do México. De acordo com Krueger da Nissan, ter uma fábrica no México diminui a distância entre os pontos de oferta e demanda, e essa menor distância permite às empresas responder mais rapidamente a um mercado em constante transformação. Além disso, em termos de produção, as empresas baseadas nos Estados Unidos não estão a mais de dois fusos horários de distância das fábricas mexicanas, o que permite uma comunicação rápida e fácil entre as instalações de *design* e fabricação.

Outros fatores que proporcionaram o crescimento do setor industrial mexicano incluem a grande quantidade de investimento estrangeiro direto, o apoio do governo aos investidores estrangeiros e uma melhora geral no desempenho macroeconômico (incluindo inflação baixa). Por exemplo, os investimentos dos Estados Unidos nas indústrias mexicanas aumentaram de menos de US\$19 bilhões em 2002 para US\$30 bilhões em 2011. De acordo com o relatório de competitividade global do Fórum Econômico Mundial, em 2011-12 o México classificou-se em 36º em termos de fortalecimento das proteções ao investidor (em relação a 142 países) e em 39º em termos de ambiente macroeconômico.

A promessa da economia norte americana

Em entrevista com o FED de Atlanta em 2012, Robert Pastor, fundador e diretor do Centro de Estudos Norte Americanos da Universidade Americana disse "Quando compramos um carro nos Estados Unidos, já não compramos um carro americano. Nós compramos um carro norte americano". De acordo com ele, as peças dos automóveis têm de cruzar as fronteiras dos Estados Unidos pelo menos sete vezes, em média.

O HSBC prevê que em apenas seis anos os Estados Unidos serão mais dependentes de importações do México do que de qualquer outro país. O que é importante ressaltar, no entanto, é que 40% das importações dos Estados Unidos provenientes do México são de produtos originados nos Estados Unidos e enviados ao México para industrialização. De fato, 13% de todas as exportações dos Estados Unidos para industrialização vão para o México. (Vide a barra

lateral).

No entanto, há um longo caminho a ser percorrido em termos de redução de barreiras comerciais e da conquista da integração econômica. A jornada precisa continuar se a América do Norte quiser ter um desempenho melhor do que o das economias do leste asiático e da Europa. Como observa Pastor, precisamos "entender que nossos vizinhos não devem mais ser vistos como estrangeiros, mas sim como parceiros".

Este artigo foi escrito por Galina Alexeenko, diretora da Rede de Informações Econômicas Regionais do FED de Atlanta na Agência de Nashville, e Ed English, escritor da equipe da EconSouth, com contribuições de Stephen Kay, economista sênior e coordenador do Centro das Américas do FED de Atlanta.

A Produção Está Desembarcando de Volta?

Reshoring. Onshoring. Insourcing. Esses são alguns dos termos criados pelos analistas e jornalistas para descrever uma tendência embrionária, mas com rápido desenvolvimento na produção - trazer a produção das economias emergentes de volta para os países desenvolvidos. O México começou a se beneficiar desse fenômeno. Assim como os Estados Unidos.

Alguns dos fatores que tornaram o México atraente aos fabricantes estrangeiros também explicam o crescente apelo para trazer a produção de volta aos Estados Unidos (ou optar por expandir a produção nos Estados Unidos em vez de buscar custos mais baixos de mão-de-obra em outros países). Essas forças incluem os crescentes salários na China e em toda a Ásia emergente, o aumento do custo dos transportes e a necessidade de redução do prazo de entrega para atender rapidamente às necessidades e vontades dos clientes, em constante mudança.

Alguns fatores são mais específicos dos Estados Unidos. O mais importante deles é a produtividade rapidamente crescente dos trabalhadores dos Estados Unidos, o que significa que a parcela de custos com mão-de-obra no custo total dos produtos acabados tem diminuído significativamente. De acordo com o jornal *Financial Times* a produtividade industrial dos Estados Unidos cresceu 69% entre 1996 e 2009. Para efeito de comparação, a produtividade na Alemanha conseguiu crescer apenas 17% nesse mesmo período. Para muitas empresas, os salários mais baixos oferecidos fora dos Estados Unidos acabam não resultando em grande economia para elas.

Além disso, muitas empresas dos Estados Unidos, especialmente aquelas que fabricam produtos complexos, de alta tecnologia chegaram à conclusão de que a inovação sofre com a separação geográfica entre suas funções de pesquisa e desenvolvimento e de fabricação.

Infelizmente, o retorno da produção industrial para os Estados Unidos não significa a recuperação de todos os postos de trabalho na indústria, perdidos com a transferência da produção para o exterior. De acordo com Don Sabbarese, professor de Economia na Universidade Estadual Kennesaw, muitos dos postos de trabalho que irão retornar aos Estados Unidos estarão relacionadas com indústrias que necessitam de poucas pessoas. No entanto, embora a fabricação em si possa empregar menos pessoas do que antes, as cadeias de fornecimento que seguem o processo de produção industrial criarão novos empregos. Além disso, a produtividade rapidamente crescente dos trabalhadores das indústrias nos Estados Unidos significa que eles devem continuar a ter melhores salários do que os dos trabalhadores do setor de serviços da economia americana.